

Educação Museal

experiências e narrativas

Prêmio Darcy Ribeiro 2011

Educação museal: experiências e narrativas

Prêmio Darcy Ribeiro **2011**

© 2023 Instituto Brasileiro de Museus

Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons – Atribuição CC BY-SA, sendo permitida a reprodução parcial ou total, desde que mencionada a fonte, e desde que novos conteúdos criados a partir desta obra sejam licenciados sob termos idênticos.



Governo Federal

Presidente da República

Luís Inácio Lula da Silva

Ministra da Cultura

Margareth Menezes da Purificação Costa

ibram
instituto brasileiro de museus

Presidenta

Fernanda Santana Rabello de Castro

Diretora do Departamento de Processos Museais

Mirela Leite de Araújo

Diretor do Departamento de Difusão, Fomento e

Economia de Museus

Joel Santana da Gama

Diretora do Departamento de Planejamento e Gestão Interna

Maria Angélica Gonsalves Correa

Coordenador-Geral de Sistemas de Informação Museal

Dalton Lopes Martins

Unidade Responsável pela publicação

Departamento de Processos Museais

Coordenação de Museologia Social e Educação

Marielle Costa Gonçalves (coordenadora)

Divisão de Educação

Dalva Oliveira de Paula

Joana Regattieri Adam

Vivian de Oliveira Cobucci (chefe substituta)

Divisão de Museologia Social

Felipe Evangelista Andrade Silva

Juliana Vilar Ramalho Ramos

Raquel Fuscaldi Martins Teixeira (chefe)

Apoio administrativo

Fabiana Alves Sousa de Andrade

Danilo Alves de Brito

Estagiário

Vinicius Martins Oliveira

Ficha Técnica

Organização

Marielle Costa Gonçalves

Joana Regattieri Adam

Renata Silva Almendra

Revisão técnica

Dalva Oliveira de Paula

Joana Regattieri Adam

Juliana Vilar Ramalho Ramos

Marielle Costa Gonçalves

Renata Silva Almendra

Vitor Rogério Oliveira Rocha

Vivian de Oliveira Cobucci

Revisão dos textos

Carmem Cecília Camatari Galvão de Menezes

Projeto gráfico e diagramação

Simone Kimura

Caligrafia da capa

Maria Clara Cobucci Silva

I59 Instituto Brasileiro de Museus.
Educação museal : experiências e narrativas / Instituto Brasileiro de Museus. –
Brasília, DF : IBRAM, 2023.
56p. (Prêmio Darcy Ribeiro 2011)

ISBN: 978-65-88734-08-7

1. Museus. 2. Educação museal. I. Prêmio Darcy Ribeiro. II. Título.

CDD 069.07

Sumário

Prefácio 7

Apresentação 9

Dengo: o museu vai aos hospitais 13

Marina Sartori de Toledo

Casas comerciais em Panambi no século XX 23

Temia Wehrmann

Cléa Hempe

“Arte animal” no Museu de Zoologia Prof^a. Morgana Cirimbelli Gaidzinski da Unesc 33

Morgana Cirimbelli Gaidzinski

Rodrigo Ribeiro de Freitas

Silvia Damiani Simões

Projeto de educação patrimonial “Fala” 43

Alessandra Baltazar

Agradecimentos às autoras e autores dos artigos que compõem esta edição do Caderno Educação Museal – experiências e narrativas do Prêmio Darcy Ribeiro, e às instituições museais que colaboraram generosamente com a presente publicação.

NOTA:

Todos os artigos e imagens que compõem esta publicação são de inteira responsabilidade dos autores. Alguns termos e conceitos utilizados nos textos podem não refletir as perspectivas teóricas ou posicionamentos políticos adotados por este Instituto Brasileiro de Museus.

Prefácio

O *Caderno Educação Museal: experiências e narrativas*, série de publicações do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), reúne e apresenta diversas práticas educativas museais selecionadas e contempladas nas edições do Prêmio Darcy Ribeiro. O Prêmio tem por finalidade reconhecer e incentivar programas, projetos e ações desenvolvidos por museus brasileiros e que expressam metodologias e propósitos da educação museal, sobretudo aqueles considerados inovadores e que apresentam impactos sociais positivos e transformadores.

Com o primeiro edital lançado em 2008, o Prêmio Darcy Ribeiro foi criado por iniciativa do extinto Departamento de Museus e Centros Culturais (Demu) do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), seguido pelo Instituto Brasileiro de Museus na sua ação, a partir da sua criação em 2009 como responsável pela implementação da Política Nacional de Museus (PNM). Até o presente momento, foram promovidos oito editais do Prêmio Darcy Ribeiro – 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2015, 2019 e 2021 –, que premiaram os primeiros colocados em dinheiro e concederam menções honrosas a outras iniciativas selecionadas. As comissões de seleção de cada edital contam com profissionais de notório saber e de reconhecida atuação no campo da educação museal no Brasil, garantindo a qualidade e a atualização constantes dos critérios de avaliação e seleção do Prêmio Darcy Ribeiro.

Os cadernos *Educação Museal: experiências e narrativas* contribuem na qualificação técnica e profissional do setor museal brasileiro e na implementação da Política Nacional de Educação Museal (PNEM), desdobramento da PNM no campo da educação. Por meio de artigos de autoria dos profissionais dos museus e instituições que tiveram projetos educativos contemplados no Prêmio Darcy Ribeiro, as edições do *Caderno* visam ampliar o conhecimento de boas práticas em educação museal, permitindo estabelecer referências positivas para as experiências educativas de outras instituições e inspirar o desenvolvimento de

alternativas e soluções para a superação de dificuldades comuns entre museus e instituições culturais.

Das oito premiações realizadas, foram publicadas três edições do *Caderno Educação Museal: experiências e narrativas* referentes aos anos 2008, 2009 e 2010 do Prêmio Darcy Ribeiro, integralmente disponibilizadas no site do Ibram e que podem ser acessadas em: <<https://antigo.museus.gov.br/educacao-museal-experiencias-e-narrativas-premios-darcy-ribeiro/>>.

No momento em que as orientações sanitárias de afastamento social implementadas como medida de contenção diante da expansão da pandemia de Covid-19 em que diversas restrições impactaram diretamente o funcionamento dos museus no Brasil e no mundo, torna-se ainda mais relevante a ampla disponibilização de materiais, digitais e impressos, que ofereçam informações sobre o campo museal, como as publicações do *Caderno Educação Museal: experiências e narrativas*. Ressalta-se a premente necessidade de troca de experiências e conhecimentos sobre as práticas em educação museal em nosso país, cujos profissionais foram especialmente atingidos com reduções salariais, perdas de postos de trabalho e adaptações emergenciais às interações virtuais com os públicos, evidenciando a importância e o papel de destaque que os educativos de museus possuem.

O Ibram, ao dar continuidade às publicações do *Caderno Educação Museal: experiências e narrativas*, relativas às cinco últimas edições do Prêmio Darcy Ribeiro – 2011, 2012, 2015, 2019 e 2021 –, visa contribuir com a preservação e a disseminação dos registros e das narrativas sobre as práticas educativas nos museus brasileiros, bem como com a melhoria da qualidade da educação no país, convidando educadores de museus e sociedade em geral a conhecer, por meio de textos e imagens, as experiências contempladas no Prêmio Darcy Ribeiro de Educação Museal e a participar de seus próximos editais.

Fernanda Castro

Presidenta do Instituto Brasileiro de Museus

Apresentação

Renata Silva Almendra¹

A espiral é um símbolo universal e é representada graficamente por uma curva aberta que descreve inúmeras voltas em torno de um único centro. As espirais são encontradas na natureza e é comum observá-las em embriões, plantas, furacões, galáxias. As simbologias associadas às espirais variam de acordo com as diferentes culturas, mas, de forma geral, são representativas de processos cíclicos e evolutivos.

Ciclos, movimentos, evolução: tais palavras, traduzidas na imagem de uma espiral, convidam o leitor a se reinserir no conhecimento dos projetos educativos contemplados pelo Prêmio Darcy Ribeiro, como numa contação de histórias em que a narrativa vai se desenrolando em ciclos que voltam ao mesmo ponto, mas sempre em outro patamar.

O Prêmio Darcy Ribeiro foi criado em 2008 pelo extinto Departamento de Museus e Centros Culturais (DEMU) do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), com o propósito de identificar e valorizar projetos e iniciativas de educação museal. Realizado desde 2010 pelo Instituto Brasileiro de Museus, autarquia herdeira de ações e programas anteriormente executados pelo DEMU, o Prêmio chega agora à sua 4ª edição, seguindo no desenho de círculos cada vez maiores.

Semelhante às edições anteriores, o edital de 2011 teve como critérios de avaliação a clareza nos objetivos do projeto, as possibilidades de desenvolver o

¹ Técnica em Assuntos Educacionais. Coordenação de Museologia Social e Educação. Divisão de Educação – Instituto Brasileiro de Museus

projeto/ação para outros públicos e localidades, a inovação e criatividade quanto à temática e metodologia, a fundamentação teórica, a previsão de acessibilidade e democratização, além da prerrogativa de ser inscrito no Cadastro Nacional de Museus. Para a pontuação, levou-se em consideração também a descentralização geográfica pelas regiões do Brasil.

Na edição de 2011 foram premiadas três iniciativas e contemplado um projeto com menção honrosa, diferenciando-se das edições dos prêmios anteriores, que premiavam os três primeiros colocados e concedia menções honrosas às demais iniciativas classificadas, como se pode observar na leitura dos três primeiros cadernos publicados. No entanto, apesar desta edição contemplar um grupo pequeno de projetos, ressalta-se o reinício do processo de reconhecimento e relacionamento com os premiados, que se destacam pelo caráter sensível de cada ação selecionada.

Assim, instigamos o leitor a se colocar no lugar do educador do Museu da Língua Portuguesa (SP), que extrapola os limites do museu e vai aos hospitais para convidar pacientes a jogar com as palavras e curiosidades do idioma. Por sua vez, a ação educativa do Museu e Arquivo Histórico Professor Hermann e Wegermann nos imerge no século XX, ao nos levar junto ao público estudantil de Panambi (RS) na ambientação de uma Casa Comercial deste período. Seguimos juntos para conhecer o desenvolvimento de exposições artísticas no Programa “Arte Animal” do Museu de Zoologia Prof.^a Morgana Cirimbelli Gaidzinski, da Universidade do Extremo Sul Catarinense, em Criciúma (SC), mediando os mundos entre visitante, artista, curador e ambientalista. Por fim, o leitor é chamado a conhecer como é a experiência de ser o responsável pela proteção de achados arqueológicos no Museu Histórico e Pedagógico Washington Luís, em Batatais (SP), recriando um sítio arqueológico e todo o processo de preservação e descobertas proporcionadas pela ação educativa.

Destaca-se que o cenário de 2011 é marcado pelos primeiros passos da construção do processo que culminou na Política Nacional de Educação Museal (PNEM), semeada no 1º Encontro de Educadores do Ibram, realizado no Museu Imperial, Petrópolis (RJ), em 2010, oferecendo os alicerces para uma percepção cada vez mais ampla do que é a educação museal no Brasil. Na perspectiva da

espiral, vemos o carretel sendo desenrolado e ganhando cada vez mais potência na apreensão do panorama da educação museal no Brasil, sobretudo na oportunidade que o prêmio oferece ao reconhecimento de ações educativas de pequenos museus do interior do país.

É no movimento de expansão, como da pequena pedra que cai no espelho d'água e provoca a formação de ondas circulares que avançam para todas as direções, assim como das saias que rodam e se espraiam quando a dança é conduzida pelo giro em torno do próprio eixo, que vemos a educação museal ganhar força a partir de iniciativas inspiradoras e passos firmes na demarcação de sua importância.



Museu da Língua Portuguesa

Museu da Língua Portuguesa * 2010

MENAS
CERTO
PRADO.

Dengo: o museu vai aos hospitais

Marina Sartori de Toledo¹

Resumo: Ação educativa do Museu da Língua Portuguesa (MLP) em hospitais. Educadores visitam as instituições e convidam pacientes a jogar com as palavras e curiosidades do idioma, propiciando o reconhecimento da língua portuguesa como patrimônio imaterial.

Palavras-chave: Museu da Língua Portuguesa; educação em museus; patrimônio cultural; língua portuguesa; humanização em hospitais.

¹ Mestre em Artes/teatro pela Universidade de São Paulo, licenciada em Artes pela Fundação Armando Álvares Penteado, coordena o Núcleo Educativo do Museu da Língua Portuguesa e é assessora técnica do IDBrasil, organização social de cultura.

Dengo é uma palavra brasileira de origem africana e significa graciosidade e amabilidade. Com essas qualidades, os educadores do Museu da Língua Portuguesa² buscam levar aos pacientes de hospitais questões culturais do idioma, respeitando a delicada situação dessas pessoas e contribuindo para a promoção da saúde em seus aspectos mais amplos, que não se limitam ao corpo físico. Já no segundo ano de funcionamento do Museu (2008), o Núcleo Educativo começa a pensar em possibilidades de levar suas ações para além das paredes de sua sede. Sendo a língua um patrimônio imaterial, recursos de áudio e vídeo são o suporte da expografia do Museu, e essa base tecnológica poderia ajudar a levar o repertório patrimonial para outros espaços, em ações extramuros. A princípio, pensou-se na periferia da cidade, chegando aos bairros em que a população tem pouca facilidade de acesso ao centro e às instituições culturais. No entanto, a ideia de não possibilidade de acesso logo trouxe à mente as pessoas confinadas em hospitais e asilos. A escolha foi implantar o projeto em instituições de saúde, pensando nos jovens e nas crianças que têm seu cotidiano interrompido por alguma doença. O projeto “Dengo” surge, então, no final de 2009, com o objetivo não só de ampliar o acesso ao Museu, como também estimular as reflexões sobre a língua portuguesa como patrimônio individual e coletivo, elemento fundador da cultura e identidade, e ainda colaborar com a humanização do ambiente hospitalar e bem-estar dos pacientes.

No início, foi difícil encontrar um hospital que entendesse a proposta, e havia o receio de que a presença dos educadores atrapalhasse o cotidiano da enfermagem. Foi a equipe do hospital do GRAACC – Grupo de Apoio ao Adolescente e à Criança com Câncer – que primeiro enxergou o potencial do “Dengo” como uma ação educativa-cultural que agregaria positivamente no tratamento das crianças e dos adolescentes. A parceria com esse hospital possibilitou o projeto-piloto e o amadurecimento da proposta. Como um dos objetivos do Núcleo Educativo era ampliar o acesso e sendo o GRAACC um hospital mais central na

² O Museu da Língua Portuguesa (MLP) está localizado em São Paulo, no prédio da Estação da Luz (estação de trens). Em 2015, parte das instalações do MLP foi destruída por um incêndio. Desde então, passa por reconstrução, com previsão de reabertura em 2020.



Foto 2: Educador do “Dengo” joga dominó de palavras com paciente do TUCCA/Santa Marcelina.

Muitos hospitais paulistanos, principalmente aqueles especializados no tratamento de câncer, recebem pacientes de outros estados, majoritariamente da região norte e do nordeste. Nesses casos, as atividades procuram focar os regionalismos da língua portuguesa, com jogos de palavras e expressões

características de diferentes regiões, que fortalecem a identidade e o sentimento de pertencimento.

Me apresentei e comecei a contar um pouco sobre a história do museu, seu acervo, prédio e sobre nosso idioma. Primeiro me contaram o que gostam e não gostam da língua portuguesa, e como elas achavam que ela havia surgido e se transformado no que é hoje. As duas tinham idades muito próximas (11 e 13 anos) e me contaram muito o que já haviam estudado nas aulas de história e língua portuguesa. Começamos a relacionar essas informações observando as palavras no computador e suas origens e, vez ou outra, uma escolhia a palavra em que a outra, pela pronúncia e sonoridade, deveria adivinhar sua origem... Quando descobri que uma delas havia nascido em Alagoas, a conversa partiu para as diferenças do português dentro do país e os regionalismos. Elas contaram o que conheciam dessas diferenças e de como estranham o sotaque dos familiares que moram em outros estados. Assistimos a alguns trechos do “Mapa dos Falares”,³ que apresenta os regionalismos, e, antes de me despedir, apresentei o material da exposição “Menas”⁴ e o jogo com as palavras regionais. **Camila Marques, educadora do projeto.**

Os pacientes são atendidos pelos educadores do “Dengo” individualmente em seus quartos e durante as sessões de quimioterapia ou hemodiálise, ou em grupos, nas salas de lazer de algumas alas dos hospitais.

Antes de iniciar o atendimento aos pacientes de um hospital, é feita uma vivência com as equipes de enfermagem dos andares onde o projeto irá atuar, e essa equipe também participa, caso o hospital tenha um núcleo de humanização. É comum a interação do grupo de enfermagem durante as visitas do “Dengo”. Da mesma forma, o envolvimento de parentes e acompanhantes dos pacientes nas conversas e nos jogos é frequente.

³ Uma das instalações da exposição principal original do Museu da Língua Portuguesa, onde era possível ouvir expressões culturais e as variações linguísticas das diferentes regiões do país.

⁴ “Menas, o certo do errado e o errado do certo” foi uma exposição temporária, em exibição no MLP em 2010, que tratou das variações linguísticas da língua portuguesa. O material educativo da exposição continuou a ser utilizado, dado seu potencial para tratar o tema do preconceito linguístico de forma bem-humorada.

O envolvimento das equipes e a avaliação positiva das atividades quase sempre leva à ampliação da atuação do projeto na instituição. Em um dos hospitais onde havia sido acordado que a ação do “Dengo” ficaria restrita a uma única ala, a coordenação da enfermagem e humanização realizou uma avaliação com o superintendente do Instituto, incluindo retorno de pacientes sobre o trabalho, e pediu que a atuação fosse expandida para mais três alas.

Para melhor ilustrar as atividades realizadas, seguem trechos de relatos dos educadores do projeto.

[...] eu e Edmilson conversávamos sobre as diferenças culturais dentro do Brasil e de como isso influencia e transforma nossa língua. Edmilson me contou muitas histórias de sua infância e dos costumes de sua família no Recife. Entre uma medicação e outra, também contribuímos com as enfermeiras e elas participam das atividades que estão sendo propostas. **Rafael Cavinato, educador do projeto.**

O que mais chamou a atenção hoje foi as pessoas que atendemos. O senhor José Maria, ex-funcionário de uma gráfica, que tinha uma certa timidez no início de nossa conversa, e sua irmã, que estava um pouco mais disposta a uma conversa no início. Os dois do interior de SP conversaram de uma maneira muito agradável com a gente numa brincadeira sobre expressões populares que rendeu algumas risadas. Ao final, ele mais descontraído, agradeceu a visita e deixou claro que aquela conversa havia melhorado o seu dia porque lá só se ouve falar de doenças, o que torna o ambiente cansativo e triste. **Rafael Cavinato.**

As crianças, já operadas, brincavam como se estivessem em outro ambiente, o que me deu a sensação que quanto menos a doença é focada, melhor é a sua recuperação e a adaptação ao ambiente hospitalar. Pensando no Dengo, percebo que ele realiza um efeito muito parecido à brincadeira das crianças, fazendo com que as pessoas desviem o foco, e além de ampliarem e compartilharem conhecimentos, discutirem sobre diferentes assuntos, conseguem se relacionar melhor, nem que seja apenas naquele momento, com outros pacientes e o ambiente hospitalar. **Camila Marques.**

Enquanto estávamos neste quarto, outro paciente que conhecemos há algum tempo, o Edmilson, foi até lá falando que havia ouvido nossa voz e estava indo nos buscar. Vê-lo brincando que estava com ciúmes e saudades foi um dos melhores retornos emocionais

que ganhei com essas atividades na Retaguarda, onde ficamos bem próximos deles e também pelo grupo ter uma característica bastante acolhedora. **Rafael Cavinato.**

Cada visita a um hospital dura em torno de duas horas e o atendimento a cada pessoa varia de acordo com sua disposição física e envolvimento, em geral 20 minutos. Já com os pequenos grupos, pode durar uma hora.

Mesmo os encontros acontecendo uma vez por semana, lidar com a doença, a finitude sempre presente, o envolvimento afetivo com pacientes e seus familiares apontou, logo no primeiro ano do projeto, a necessidade de acompanhamento psicológico dos educadores envolvidos. Desde então, um psicólogo faz um acompanhamento mensal com os educadores.



Foto 3: Educador do “Dengo” e crianças na sala de recreação do Hospital das Clínicas SP.



Foto 4: Paciente durante sessão de quimioterapia conversa com educador do “Dengo” e interage com o conteúdo no laptop.

As métricas de avaliação qualitativa são difíceis de desenvolver em situações como as vivenciadas nos hospitais. Consultores que já atuaram em pesquisas no Museu sugeriram a compilação de depoimentos da enfermagem e dos pacientes. Essas mostram que as ações educativas do projeto “Dengo” foram positivas para o bem-estar dos pacientes e revelam a relação desvolta e a construção de conhecimentos relativos à língua portuguesa.

Os próprios pacientes fizeram questão de nos apresentar, falando sobre nosso trabalho e o que haviam aprendido com esse contato.

Ela ficou muito feliz com a visita, falamos sobre a origem e história do seu nome, e ela nos pediu para voltar ao quarto nas próximas semanas.

A mãe do Ismael repetiu mais de uma vez o quanto acha importante esse trabalho e como diferentes alas do hospital precisam de ações como essa.

Próximo do horário de irmos embora, um dos pacientes com quem a Renata havia conversado, o Paulinho, voltou porque se interessou pela atividade do Poesia Agora, montando versos com as palavras da mesa. Ele propôs novas palavras para compor as frases e juntos montamos mais de 5 versos.

Foi possível perceber o efeito benigno do trabalho realizado, tanto nos pacientes que participaram, quanto no ambiente hospitalar, confirmando o quanto este tipo de atividade é relevante e contribui com os programas de humanização dos hospitais. Também foi possível perceber a repercussão positiva e diferenciada das atividades do projeto, não apenas em termos culturais, mas também nas relações afetivas.

Após o incêndio, o projeto “Dengo” continuou a atuar por mais um ano, durante 2016, com patrocínio por meio de lei de incentivo. Embora tenha sido descontinuado nos anos seguintes, há a previsão de retorno das atividades com a reabertura do Museu, em 2020.

Houve momentos de dificuldade enfrentados pelos educadores na interação com os adolescentes em situação vulnerável e outros de tristeza com as notícias de alguns pacientes que não conseguiram transplante ou tiveram recaída. Houve torcida pela vida de cada um, criando um elo de cumplicidade entre os educadores, as pessoas atendidas e as equipes de enfermagem. Mas há a certeza da potência das ações educativas com patrimônios, situações que reforçaram, na equipe, a certeza da importância do trabalho realizado e a crença no papel social dos museus.

Fonte das imagens apresentadas no artigo: Acervo do Museu da Língua Portuguesa.



Museu e Arquivo Histórico
Professor Hermann Wegermann

Casas comerciais em Panambi no século XX

Temia Wehrmann¹

Cléa Hempe²

Resumo: Trata-se de projeto cujos objetivos consistiram em proporcionar ao público escolar interação com a Réplica da Casa Comercial, reconhecer o processo de imigração, coletar informações sobre casas comerciais que existiam em Panambi e produzir histórias em quadrinhos, vídeos, programa de rádio/TV ou brinquedos a partir das fotos, buscar parcerias para ações socioambientais e promover palestras sobre o século XX e o momento atual.

Palavras-chave: Museu e Arquivo Histórico Professor Hermann Wegermann (MAHP); casas comerciais; ação educativa.

¹ Licenciada em História pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, especialista em Educação Especial pela Universidade Tuiuti do Paraná. Foi coordenadora do Museu e Arquivo Histórico Professor Hermann Wegermann (MAHP) de 2009 a 2016.

² Licenciada em Geografia pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, especialista em Gestão e Apoio Pedagógico na Escola Básica: ênfase em administração e supervisão escolar, especialista em Mídias na Educação, mestra em Geografia. Coordenadora do Museu e Arquivo Histórico Professor Hermann Wegermann (MAHP) a partir de 2017 aos dias atuais.

O projeto intitulado “Casas comerciais em Panambi no século XX” desenvolveu-se em consonância com a 8ª Semana Nacional de Museus e envolveu alunos do 3º ao 5º ano do ensino fundamental e a comunidade local e regional. Participaram diretamente das ações educativas e de sensibilização 38 turmas, totalizando 800 alunos e 45 professores, coordenadores e intérpretes de libras. Contou-se, também, com aproximadamente 300 visitantes da comunidade local e da região. A ação educativa foi desenvolvida de 12 de abril a 5 de junho de 2010.

O objetivo geral do Projeto consistiu em divulgar e proporcionar atividades diversificadas na 8ª Semana Nacional de Museus, que teve como tema Museus para Harmonia Social, o qual levou em consideração: o diálogo, a tolerância, a coexistência e o desenvolvimento baseado no pluralismo, na diversidade, na competição, na criatividade e na sustentabilidade, bem como contribuir na mudança de atitudes que potencializem a melhoria da qualidade de vida e de promoção do desenvolvimento sustentável, com vistas a um futuro próspero para estas e outras gerações.

Este tema desencadeou uma série de reflexões. Como, então, viver em harmonia social se não há um ambiente sustentável, com um consumo consciente? A partir desta e de outras perguntas, surgiu a ideia de desenvolver o projeto “Casas comerciais em Panambi no século XX”, uma forma de reviver o passado. O pagamento era realizado em espécie ou a partir da entrega de mercadorias trazidas pelo freguês, pois o comerciante, normalmente, revendia esses produtos trocados com colonos na cidade de Cruz Alta ou arredores. Armazém, bolicho, casa comercial, são algumas definições para representar os locais de comércio no século XX. As casas comerciais continham mercadorias variadas. Direcionou-se o olhar para a forma de armazenamento desses produtos. No começo do século XX, era utilizado o papel ou o cartucho de papel, pois não havia embalagens plásticas. O plástico surgiu na década de 1950 e, aos poucos, foi-se popularizando, porém as descobertas já haviam iniciado no século anterior. O papel orgânico se decompõe com facilidade, já o plástico, ao contrário, é bem mais demorado. Depois de usados, muitas vezes, são jogados no meio ambiente, causando a morte de animais, poluindo as águas, entupindo bueiros e causando

problemas nos aterros, como a impermeabilização dos solos e o revestimento de material orgânico que, na ausência de oxigênio, em vez de biodegradar, apodrece, gerando metano. Cerca de 10% do lixo são formados por sacolas plásticas. As embalagens plásticas precisam de mais tempo para se decompor.

Para concretização do projeto “Casas comerciais em Panambi no século XX” foi realizado um levantamento junto à comunidade sobre móveis utilizados em casas comerciais existentes no município de Panambi no século XX. Alguns dos móveis foram emprestados e, depois, doados, enriquecendo o acervo do MAHP. Assim, elaboraram-se os objetivos específicos que consistiram em: proporcionar, ao público-alvo, interação com a Réplica da Casa Comercial, resgatando a história do processo de comercialização, industrialização e consequências para o meio ambiente; reconhecer o processo de imigração, percebendo o contexto econômico, político, religioso e social envolvido; coletar fotos e informações sobre casas comerciais que existiam em Panambi; buscar parcerias para confecção de sacolas ecológicas, a fim de que fosse realizada uma campanha quanto ao uso delas; produzir frases, um mascote e logomarca para ser impressa nas sacolas ecológicas; promover palestras, a fim de contextualizar a realidade do século XX e o momento atual, para que cada um possa conscientizar-se e fazer a sua parte para termos um meio ambiente onde haja sustentabilidade; produzir histórias em quadrinhos, vídeos, programa de rádio/TV ou brinquedos a partir de fotos de casas comerciais em Panambi – século XX e outros materiais coletados.

Etapas do projeto

O projeto “Casas comerciais em Panambi no século XX” consistiu em 12 etapas. Seguem as etapas do projeto e as atividades propostas e desenvolvidas.

- **Etapas I** – elaboração de dois vídeos: “Casas comerciais em Panambi no século XX” e “Mercado em Panambi no século XXI” (BLOG MAHP,2010). O primeiro vídeo foi elaborado a partir de filmagens na própria casa

comercial organizada e com fotos coletadas durante as pesquisas e o segundo vídeo foi a partir de fotos e filmagem de um dos mercados de Panambi, focando o uso dos plásticos. Esses vídeos tiveram como finalidade provocar o diálogo com os alunos sobre as mudanças ocorridas na passagem do século XX para o XXI.

- **Etapla II** – elaboração de uma história em quadrinhos (BLOG MAHP, HISTÓRIA, 2010a).
- **Etapla III** – levantamento da legislação sobre a proibição do uso de sacolas plásticas no Brasil e em outros países (BLOG MAHP, 2010b).
- **Etapla IV** – elaboração de dois vídeos: um sobre o surgimento do lixo e o outro com base na história “O Flautista de Hamelin”, dos Irmãos Grimm (BLOG MAHP, 2010c/d).
- **Etapla V** – visitação à réplica da casa comercial do século XX pelos alunos e a comunidade local e regional (BLOG MAHP, 2010e/f). Os alunos, quando chegavam para a visita, eram divididos em grupos de 10 e recebiam modelos de cédulas de cruzeiros, simulando a seguinte situação: eram imigrantes chegando à Panambi pela Estação Belizário, no século XX, com a missão de se instalarem em uma propriedade rural, sendo que a bagagem estava retida na alfândega e chegaria somente no terceiro dia após a instalação na propriedade. Abordava-se sobre o processo de migração/imigração que ocorreu no Brasil, suas causas e consequências, pontos positivos e negativos. Enquanto aguardavam a chegada da bagagem, os estudantes realizavam as compras na casa comercial, para prosseguirem até a propriedade. Na casa comercial, foram disponibilizados vários produtos, inclusive alguns medicamentos. Os produtos em exposição possuíam rótulos de indústrias que havia em Panambi/RS. As embalagens foram adaptadas, usando o mínimo possível de plástico. Durante a simulação, os alunos discutiam entre si quais produtos seriam necessários e conferiam se o dinheiro era suficiente para a aquisição dos pretendidos. O papel do comerciante também era desempenhado por um dos alunos. Pagavam as compras realizadas com o valor recebido e, para finalizar, era realizada uma discussão sobre os

produtos adquiridos em relação à quantidade e necessidade para sobrevivência e quais seriam supérfluos.



Foto 1: Réplica da Casa Comercial montada com móveis emprestados e acervo do MAHP.

- **Etapla VI** – foram realizadas duas palestras para os alunos como um complemento das atividades práticas e de pesquisas, com os temas: Sustentabilidade: “A alimentação através dos tempos” (HANDTE, 2010) e a segunda com a temática “Os resíduos sólidos” (ZILLMER, 2010).
- **Etapla VII** – produções de trabalhos pelos alunos que visitaram a Exposição Casas Comerciais do Século XX.
- **Etapla VIII** – criação de uma logomarca e uma frase. Nesta atividade, os alunos criaram um mascote, logomarca e frase para estampar uma sacola retornável. Para isso, houve trabalho prévio de conscientização

em face da sustentabilidade do meio ambiente. Cada escola participante selecionou uma frase e uma logomarca. Buscaram-se parcerias na captação de recursos e obteve-se o apoio financeiro para a confecção das sacolas.

- **Etapa IX** – seleção da logomarca e frase: as equipes vencedoras da logomarca e da frase foram da Escola Municipal de Ensino Fundamental 21 de Abril, localizada na Linha Rincão Fundo – zona rural do município de Panambi/RS. A frase escolhida foi “A vida do mundo está em nossas mãos. Você decide!”. A logomarca selecionada tinha o formato de uma mão segurando ou afastando um globo.



Foto 2: Sacola retornável com a logomarca da equipe vencedora e, no verso, logo das empresas parceiras que patrocinaram a confecção das sacolas.

- **Etapa X** – realização de palestra para o grupo de professores do 5º e 6º anos do ensino fundamental, da área de geografia, da de história e da de ciências. O palestrante foi um professor da Unijuí, com o objetivo de agregar conhecimentos sobre o plano diretor, entre eles, o desenvolvimento econômico e ambiental do município (MAHP PALESTRA, 2010).
- **Etapa XI** – a culminância do projeto aconteceu no dia 5 de junho, Dia Mundial do Meio Ambiente. O evento aconteceu no Parque Municipal Rudolfo Arno Goldhardt, em uma programação organizada com várias outras entidades, conforme se pode visualizar nas logomarcas da sacola retornável. Essas entidades ofertaram palestras sobre sustentabilidade e ocorreu o sorteio de uma bicicleta e, na sequência, um passeio de bicicleta, envolvendo alunos e pessoas da comunidade em geral. Nesse dia, ocorreu o lançamento da sacola retornável (MAHP 2010, SACOLAS RETORNÁVEIS).
- **Etapa XII** – entrega de sacolas retornáveis nas escolas, dando-se continuidade ao projeto, visitando as escolas e retomando a finalidade do uso da sacola retornável.

O MAHP alcançou seus objetivos nessa ação educativa, pois a simulação vivenciada na prática na réplica da casa comercial levou os participantes a viajar no tempo, envolvendo temas como imigração, comercialização, relacionamento humano, meio ambiente, tecnologias e sustentabilidade. Essa experiência, por sua vez, gerou análise e discussão, nos pequenos grupos, debruçando-se sobre o vivido, visando extrair sentidos e indicadores para novas ações. A frase e a logomarca selecionadas foram estampadas nas sacolas retornáveis e passaram a fazer parte do cotidiano, estimulando mudanças no estilo de vida e novos padrões de consumo. Enfim, o MAHP trabalhou no sentido de ligar e desligar mundos, tempos, culturas e pessoas, sendo espaço educativo.

Fonte das imagens apresentadas no artigo: Acervo do Museu e Arquivo Histórico Professor Hermann Wegermann.

Referências bibliográficas

BLOG MAHP. Vídeos organizados pelos profissionais do MAHP. 2010. Disponível em: <<https://mahp-panambi.blogspot.com/2010/04/casas-comerciais-em-panambi-no-seculo.html>>. Acesso em: 18 ago. 2019.

_____. *História em quadrinhos*. 2010a. Disponível em: <<https://mahp-panambi.blogspot.com/2010/04/historia-em-quadrinhos.html>>. Acesso em: 19 ago. 2019.

_____. *Legislação sacolas retornáveis*. 2010b. Disponível em: <<https://mahp-panambi.blogspot.com/2010/05/legislacao-sobre-sacolas-retornaveis.html>>. Acesso em: 2 ago. 2019.

_____. *História dos resíduos sólidos*. 2010c. Disponível em: <<https://mahp-panambi.blogspot.com/2010/05/historia-dos-residuos-solidos-parte-1.html>>. Acesso em: 3 jul. 2019.

_____. *História do flautista de Hamelin*. 2010d. Disponível em: <<https://mahp-panambi.blogspot.com/2010/05/o-flautista-de-hamelin.html>>. Acesso em: 2 jul. 2019.

_____. *Visitação*. 2010e. Disponível em: <<https://mahp-panambi.blogspot.com/2010/05/registro-de-visitas.html>>. Acesso em: 1 ago. 2019.

_____. *Visitação*. 2010f. Disponível em: <<https://mahp-panambi.blogspot.com/2010/06/visita-do-coral.html>>. Acesso 2 de jun. de 2019.

CONSELHO INTERNACIONAL DE MUSEUS (ICOM). *Museus e harmonia social: contribuir para o diálogo intercultural, interpretar e refletir sobre a sociedade e as suas mudanças*. Disponível em < <https://icom-portugal.org/multimedia/Programa%20VIII%20Jornadas%20ICOM.pdf>>. Acesso em 16 de nov. de 2021.

FAUSEL, Erich. *Cinquentenário de Panambi. 1889-1949. Relação de Casas Comerciais*.

HANDTE, Marlise. *Palestra: alimentação através dos tempos*, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. *Materiais diversos sobre a 8ª Semana Nacional de Museus*. Disponível em < <https://www.gov.br/museus/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/semana-nacional-de-museus/semana-nacional-de-museus>>. Acesso em 16 de nov. de 2021.

JORNAL A NOTÍCIA ILUSTRADA. *Reportagens diversas sobre meio ambiente e casas comerciais*, 1961 a 2010.

MALHEIROS, Adil. *Informações sobre casas comerciais*. Acervo do Arquivo Histórico.

MUSEU E ARQUIVO HISTÓRICO PROFESSOR HERMANN WEGERMANN (MAHP). *Projeto casas comerciais em Panambi/RS*. 2010a. Disponível em: <<http://projetocasascomerciais.blogspot.com/>>. Acesso em: 11 jul. 2019.

_____. *Palestras*. 2010b. Disponível em: <<https://mahp-panambi.blogspot.com/2010/05/palestras-ministradas-durante-8-semana.html>>. Acesso em: 12 jun. 2019.

_____. *Rótulos diversos de empresas panambienses*. Acervo do Arquivo Histórico.

_____. *Lançamento Sacolas Retornáveis*. Disponível em: <<https://mahp-panambi.blogspot.com/2010/06/lancamento-das-sacolas-retornaveis.html>>. Acesso em: 12 de maio de 2019.

_____. *Palestra: plano diretor*. 2010. Disponível em: <<https://mahp-panambi.blogspot.com/2010/06/professor-sidnei-em-panambi.html>>. Acesso em: 23 jun. 2019.

ZILLMER, Alexandre. *Palestra: os resíduos sólidos*, 2010.



Museu de Zoologia
Morgana Cirimbelli Gaidzinski

“Arte animal” no Museu de Zoologia Prof^a. Morgana Cirimbelli Gaidzinski da Unesc

Morgana Cirimbelli Gaidzinski¹

Rodrigo Ribeiro de Freitas²

Silvia Damiani Simões³

Resumo: O Programa “Arte animal” do Museu de Zoologia Morgana Cirimbelli Gaidzinski, da Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc), desenvolve exposições artísticas produzidas pelo público escolar, incentivando a criatividade e a sensibilização ambiental.

Palavras-chave: educação; arte; animal; museu; escola.

¹ Graduada em Ciências Biológicas, pós-graduada em Ensino de Ciências e Geografia. Professora, fundadora e coordenadora do Museu de Zoologia.

² Graduada em Ciências Biológicas, atua no setor educativo do Museu de Zoologia.

³ Graduado em Ciências Biológicas, taxidermista do Museu de Zoologia.

O Museu de Zoologia Prof^a. Morgana Cirimbelli Gaidzinski da Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc), fundado em parceria com o 2º Pelotão da 3ª Companhia de Polícia Militar Ambiental de Santa Catarina, tem como objetivo promover, por meio de seus programas educativos, o conhecimento sobre o mundo natural e sensibilizar o público visitante por meio do acervo em exposição para as questões ambientais.

Nunca se falou tanto nas questões ambientais quanto ultimamente. Tais questões tornaram-se pauta da geopolítica em todo o mundo. Há interesses estratégicos em torno das questões ambientais, por isso elas têm se tornado tão iminentes. Ambiente e sociedade como pauta de discussões são e devem ser pensados sempre de forma indissociável.

O Manifesto para a Consciência Planetária, de 2002, declara que: “há uma única pátria: o Cosmos; há uma única nação: a Terra; há uma única família: a Humanidade; há uma única verdade: a Vida, expressando-se de acordo com uma ordem superior e infinita; há uma única meta: a Paz em unidade com todos os seres”. O planeta Terra é então, como nos diz Boff (1999), o espaço do aconchego e do cuidado. Essa é uma aprendizagem necessária: tomar consciência de que esse espaço deve ser amado e que, portanto, é dever e compromisso das instituições educacionais ensinar para o cuidar, para o saber cuidar, para o construir a consciência dos cuidados.

Com o intuito de fazer cumprir a missão da Unesc, que é “Educar por meio do ensino, pesquisa e extensão, para promover a qualidade e a sustentabilidade do ambiente de vida”, o Museu de Zoologia Profa. Morgana Cirimbelli Gaidzinski objetiva, por meio de seu acervo e seus programas educativos, promover e estimular o conhecimento sobre a fauna, sensibilizando, desde cedo, o público infantojuvenil para as questões ambientais.

A perda da diversidade biológica em nosso planeta, em decorrência dos diferentes impactos ambientais, tem sido discutida e exposta tanto pela comunidade científica quanto por governos e entidades não governamentais ambientalistas.

O significativo número de espécies no acervo vítimas de diferentes impactos ambientais possibilita, ao Museu, desenvolver, junto à comunidade, ações

que visam despertar a consciência pela preservação. Os animais em exposição são importantes instrumentos de educação, sensibilizando e estimulando o público a assumir responsabilidade na conservação do meio ambiente.

Entre os principais impactos responsáveis pela perda da fauna estão o desmatamento, o uso de defensivos-químicos, as queimadas, os atropelamentos em rodovias, a caça ilegal e o tráfico de animais silvestres.

Acreditando que a conscientização e a educação ambiental ainda podem ser consideradas a melhor aposta para preservar a vida e minimizar a degradação ambiental, o Museu de Zoologia tem desenvolvido o programa educativo “Arte animal”, que visa promover a consciência ambiental por meio da integração entre arte e ciência, estimulando a sensibilidade artística, com a realização de exposições artísticas e culturais, fortalecendo o vínculo educativo entre as instituições de ensino do município e da região.

O programa caracteriza-se por atividades realizadas na escola e no museu ao longo do ano e culmina com a Mostra Arte Animal, realizada entre a última semana de novembro e a primeira de dezembro.

A ação educativa programa “Arte animal” tem início com uma visita da escola ao Museu de Zoologia da Unesc, na qual os estudantes constroem um primeiro olhar para o tema ao participarem da visita guiada e de atividades educativas.



Foto 1: No Museu – visita mediada ao acervo.

Após a visita, a escola seleciona um tema relativo ao acervo com o qual gostaria de trabalhar. Uma nova visita, agora com base neste tema, é realizada pela escola. Na segunda visita, os estudantes participam de uma oficina sobre revestimento animal com foco nas sensações que o acervo relativo ao tema provoca nos estudantes. Realiza-se uma palestra sobre as texturas que envolvem o revestimento animal e uma prática em que os estudantes tateiam, de olhos vendados, exemplares do acervo destinados a trabalhos educativos, a fim de ampliarem suas percepções sobre os animais. Após essa experiência, os estudantes são estimulados a reconhecer os animais tateados por meio da observação de desenhos em um quadro próximo ao local da atividade. A representação dos animais tateados dá-se por meio da confecção do revestimento de uma réplica do formato anatômico dos respectivos animais, em isopor, disponibilizada pelo museu. Os estudantes podem utilizar diversos elementos artificiais que representam as texturas, tais como: plumas, penas, lãs, lantejoulas, tampas de garrafas, entre outros.



Foto 2: No Museu – participação dos alunos na oficina de toque.

Na escola, em conjunto com seus professores, os estudantes participam de estudo sobre cores, texturas, expressão artística e produção de obras. Também aprofundam o conhecimento sobre os animais relativos à temática escolhida e à consciência planetária.



Fotos 3 e 4: Na escola – aprofundamento dos estudos referentes ao tema.

Em uma terceira visita ao museu, os estudantes participam de uma oficina com sucatas (que devem ser trazidas pelos estudantes) em que produzem uma escultura com sua percepção sobre o tema trabalhado/escolhido. Essa oficina constitui-se em um momento muito rico, pois, além do reaproveitamento dos materiais que o(a) estudante precisa recolher, também é provocado(a) a construir uma obra de expressão, que é uma escultura, e isso aproxima seu olhar à percepção de objetos, pois a escultura é um objeto tridimensional.



Foto 5: No Museu – confecção das esculturas com materiais reciclados.

Novamente na escola, os estudantes passam a produzir suas obras sobre o tema escolhido, podendo ser uma pintura em tela, uma escultura ou outra expressão artística definida pela escola e pelos estudantes. Com as obras prontas, é organizada uma exposição delas no museu, em data pré-combinada.



Foto 6: Na escola – atividades de pintura em tela.

Na quarta visita, não só os estudantes e professores, mas os familiares, os amigos e as pessoas ligadas ao campo da museologia e da educação vêm ao museu para participar do evento de abertura da exposição dos trabalhos artísticos produzidos naquele ano pelo programa “Arte animal”.



Foto 7: No Museu – realização da Mostra de Arte Animal.

Além de promover reflexão sobre os problemas ambientais e apropriação das possibilidades de solução para eles, o programa “Arte animal” oportuniza, aos seus participantes, o desenvolvimento de habilidades artísticas e culturais que contribuem para o exercício da cidadania.

O programa “Arte animal” estimula a consciência planetária por meio de atividades que envolvam a criatividade, pois, na sociedade contemporânea, ela assume importância fundamental para a autonomia do cidadão.

De acordo com Dhalberg *et al.* (2003, p. 77-9), “vivemos em uma sociedade de mudanças rápidas, as demandas e as exigências que o futuro reservará às crianças podem ser difíceis de antecipar [...] e, com isso, a escola necessita proporcionar às crianças [...] oportunidades de usar a sua curiosidade e criatividade para experimentar e assumir responsabilidades, realizar escolhas com relação à sua vida e ao seu futuro”.

Ao proporcionar, às escolas e estudantes, a possibilidade de escolher um tema relativo ao acervo do museu, aprofundá-lo em pesquisa e estudos e expressar seus conhecimentos por meio de uma produção artística e socializá-la, permite desenvolver a criatividade ao mesmo tempo em que constrói consciência planetária.

O programa “Arte animal” possibilita que o acervo do Museu, composto por animais da mata atlântica e de ambiente marinho, constitua-se em estímulo à produção artística por meio da integração entre arte e ciência.

O programa proporciona impactos socioculturais que podem ser observados na promoção da consciência ambiental que estimula a adoção de novas atitudes entre os estudantes e professores em relação ao ambiente, também pela apropriação do Museu de Zoologia como um espaço a serviço do público, uma vez que, ao participar do programa “Arte animal”, os estudantes e professores deslocam-se, no mínimo, quatro vezes ao museu durante o ano letivo.

O programa “Arte animal” amplia a percepção da sociedade para os museus como espaços de comunicação e de educação não formal em uma perspectiva integradora.

Fonte das imagens apresentadas no artigo: Acervo do Museu de Zoologia Morgana Cirimbelli Gaidzinski.

Referências bibliográficas

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.

DHALBERG, Gunilla; MOSS, Peter; PENCE, Alan. *Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas*. Porto Alegre: Artmed, 2003.



**Museu Histórico e Pedagógico
Washington Luís**

Projeto de educação patrimonial “Fala”

Alessandra Baltazar¹

Resumo: Esta ação educativa foi pensada com o objetivo de provocar a participação do público, atribuindo a ele experiência de ser o responsável pela proteção dos achados arqueológicos e comprovando a importância da preservação de objetos que nos ajudam a contar a história de uma localidade, mantendo a memória viva.

Palavras-chave: arqueologia; suportes de memória; Museu Histórico e Pedagógico Washington Luís.

¹ Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Estadual Paulista, com especialização em Patrimônio Teoria e Projeto pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico pela Universidade de Brasília e em Arteterapia pela Universidade de Franca. Atualmente é pesquisadora cultural da prefeitura municipal da estância turística de Batatais, sendo responsável pelo Museu Histórico e Pedagógico Dr. Washington Luís e pelo Centro de Documentação da II Guerra Mundial Cap. Enf. da FEB Altamira Pereira Valadares, nos quais desenvolve pesquisas, exposições e ações educativas desde 2001.

O projeto “Fala” foi realizado pelo Museu Histórico e Pedagógico Dr. Washington Luís de Batatais/SP, no ano de 2011, durante a 9ª Semana Nacional de Museus, sendo composto por oficina de arqueologia, apresentação teatral e visita monitorada ao museu.

A cada ano, os museus recebem do ICOM (Conselho Internacional de Museus) uma proposta de temática para ser trabalhada, sendo que, em 2011, o tema foi “Museus e memória”. Acreditamos que este tema seja de fácil compreensão, uma vez que o museu é criado com a intenção de guardar e divulgar os fatos do passado, porém o desafio estava em como transformar um tema simples em um projeto interessante que atraísse a população.

Foi priorizando o desafio de realizar algo inovador que elaboramos este projeto de ação educativa voltado para o contato com objetos que geram memórias e histórias.

O projeto foi realizado nas dependências da Estação Cultura Editor José Olympio, mais precisamente na área livre aos fundos, e no Museu Histórico e Pedagógico Dr. Washington Luís, entre os dias 2 e 27 de maio, nos períodos da manhã e tarde, atendendo a um grupo de, no máximo, 50 pessoas em cada etapa, com duração de 2 horas e 30 minutos.

Direcionado ao público do 5º ano do Ensino Fundamental da rede pública e da privada, o principal objetivo deste projeto foi o de provocar mudança de atuação das pessoas diante dos objetos expostos no museu, gerando o questionamento sobre as peças antigas e as possibilidades de aprendizado que elas proporcionam.

Consideramos que, na faixa etária entre nove e 11 anos, as crianças estão abertas aos questionamentos e descobrimentos da vida, sendo possível envolvê-las, de forma lúdica, nas descobertas e investigações sobre os bens culturais.

Outro fator importante que contribuiu para a realização desta ação educativa foi o grande espaço de área verde que existe aos fundos do museu localizado na antiga estação Mogiana de Batatais, o que permitiu que criássemos um cenário de um campo arqueológico para a primeira parte da ação educativa, conforme podemos observar nas imagens a seguir.



Foto 1: Crianças escavando no campo arqueológico.



Foto 2: Crianças escavando no campo arqueológico.

Sobre o projeto em si, ele foi dividido em três partes. Logo na chegada do público, a equipe multidisciplinar do museu, formada por pesquisadora cultural e duas estagiárias (pedagogia e história), apresentava a proposta e entregava um boné com a inscrição “Museus e memória” para cada participante, formando nove equipes que eram encaminhadas ao fundo da estação para escavarem no campo arqueológico protegido por uma tenda.

Ao encontrar objetos durante a escavação (fotos 3, 4 e 5), as crianças eram orientadas a os limparem com as trinchas e separá-los por categorias na mesa de trabalho, identificando e estudando as peças, a fim de se retirar informações do próprio objeto e em seu contexto, por meio da observação de seu material, cor, funcionalidade, estado de conservação, marcas, formas e escritos presentes.

Ao escavar a área preparada para a pesquisa arqueológica, os alunos eram responsáveis pelas descobertas e pelas investigações sobre os objetos encontrados na terra, cabendo a eles a tarefa de cuidar dos achados e tentar relacioná-los.



Foto 3: Escavação em busca dos objetos.



Foto 4: Escavação no campo arqueológico.



Foto 5: Investigando os objetos encontrados.

As peças enterradas eram organizadas e disponibilizadas de forma a contar a história de uma família fictícia que viveu no século XIX: instrumentos de cozinha, pedaços de louças, caixinhas com retratos, moedas antigas, candeia, pedaços de pisos e telhas, caixinha com cartas, pequenos broches, prendedores de cabelo e demais objetos relacionados ao cotidiano de uma família.

Encontradas todas as peças, as crianças reuniam-se em torno dos objetos, e as mediadoras iniciavam um bate-papo (fotos 6 e 7), realizando perguntas que geravam a participação de todos na identificação das funções e dos usos dos objetos encontrados, tentando relacioná-los entre si e deixando para o final um frasco de vidro e um pedaço de cera de abelha.

Após os comentários das crianças sobre o que poderiam significar aqueles dois objetos, as mediadoras questionavam sobre como deveria ser a vida no final do século XIX e início do século XX em relação às formas de comunicação, até que alguém do público acertasse que o frasco de vidro era um tinteiro. Já sobre a cera de abelha, mesmo depois de passar por todos para sentirem o cheiro e a textura, dificilmente a mesma era identificada e, então, as mediadoras explicavam que se tratava de uma cera proveniente do favo da abelha e que era utilizada no passado para lustrar os assoalhos das casas antigas.

Ao final desta etapa, era perguntado às crianças o que aquele conjunto de peças representava e a quem poderia se relacionar, chegando-se à conclusão de que se tratava de um acervo de alguma família, sendo possível identificar algumas funções que cada membro da casa exercia de acordo com os objetos encontrados.



Foto 6: Bate-papo sobre os objetos encontrados.



Foto 7: Investigação dos objetos separados por categoria.

A segunda etapa da ação educativa (fotos 8, 9, 10 e 11) era realizada na plataforma da estação com a apresentação teatral baseada no livro de Ana Maria Machado “Bisa Bia, Bisa Bel”, em que a personagem Bel (interpretada pela atriz Camila de Souza – Grupo Athos) resgatava as histórias de seus antepassados por meio dos objetos encontrados no baú de sua avó Bia (interpretada por Mônica Vilani – Grupo Athos).



Foto 8: Peça teatral “Bisa Bia e Bisa Bel” (Grupo Athos).



Foto 9: Bel chamando a vó Bia para ir ao museu.



Foto 10: Apresentação de teatro na plataforma da estação.



Foto 11: Apresentação de teatro na plataforma da estação.

Nesse momento, havia uma contextualização de algumas peças que foram encontradas na escavação e que retornavam a aparecer durante a apresentação teatral, sendo contextualizadas como memória da família.

A peça de teatro termina com a neta Bel dizendo à sua avó que algumas das peças encontradas no baú poderiam ser doadas ao museu, sendo a última cena justamente a saída das duas personagens em direção ao Museu Histórico e Pedagógico Dr. Washington Luís.

Após a apresentação, as atrizes conversavam com o público e perguntavam sobre o que eles mais gostaram até aquele momento, convidando a todos para que seguissem com elas até o museu para efetuarem a doação de algumas peças.

A última etapa do projeto é justamente a visita mediada ao museu (foto 12) em que as crianças seguem o caminho feito pelas atrizes e a personagem Bia vai explicando as funções de algumas das peças encontradas na exposição.



Foto 12: Visita monitorada ao museu.

Por fim, as mediadoras do museu conversavam com as crianças e explicavam que todo aquele acervo é formado por doações e que a função do museu é guardar esses objetos portadores de inúmeras histórias, como forma de preservar a memória de nossa sociedade, entregando para cada um dos estudantes um saco de papel com a inscrição “Museus e memória” para levarem para casa

e, se tiverem algo que possa ser doado ao museu, retornarem com o objeto no saquinho (foto 13)



Foto 13: Crianças levando o saquinho da campanha de doação.

Sobre a metodologia, a sequência proposta para as atividades (observar, registrar e multiplicar) teve a intenção de fazer com que o participante sentisse a necessidade de conhecer a história dos objetos encontrados aleatoriamente no terreno preparado para escavação, para depois fazer a relação com a riqueza de informações que podemos obter das narrativas de memórias.

Observar – o primeiro momento da ação educativa foi voltado para a procura dos objetos enterrados no campo arqueológico e posterior questionamento

sobre o significado das peças, tanto isoladas quanto no conjunto. O que são? Em que tipo de lugar esses objetos poderiam ser encontrados? São peças atuais?

As questões instigavam o grupo a tentar descobrir as informações por meio dos dados contidos nos próprios objetos.

Registrar – o segundo momento foi voltado para a interação com as atrizes e um bate-papo sobre o que mais gostaram de fazer até o momento. Por que gostaram e qual a relação das atividades com o museu?

Multiplicar – Após a visita ao museu, o público recebeu um saquinho da campanha de doação de peças e informativos sobre o museu para levar para casa e serem a ponte entre o museu e a família: o que realmente aconteceu, pois muitas crianças retornaram ao museu com seus pais.

Além disso, a ação educativa contribuiu para a realização de:

- trabalho em equipe na busca pelos objetos enterrados;
- desenvolvimento da investigação com a ajuda dos demais objetos;
- seleção dos objetos em categorias;
- participação na ação educativa com responsabilidade;
- compreensão sobre o papel do museu como espaço de memória.

Fonte das imagens apresentadas no artigo: Acervo do Museu Histórico e Pedagógico Washington Luís. Crédito das fotos: Eveline Bergamini Rodrigues

Referências bibliográficas

ABREU, Regina (Org.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ALMEIDA, C. A. F. de. Dinheiro e diversão X patrimônio e identidade. In: TOSTES, V. (Org.). *Anais do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro: MHN, 2002. v. 34.

BAUDRILLARD, J. *Senhas*. Rio de Janeiro: Difel, 2001.

- BENCHETRIT, S. F. Preservar por quê? Preservar para quem? *In: CARVALHO, C. S. et al. (Org.). Um olhar contemporâneo sobre a preservação do patrimônio cultural material*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2008.
- BITTENCOURT, J. N. Os museus de história têm futuro? *In: TOSTES, V. (Org.). Anais do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro: MHN, 2002. v. 34.
- CÍCERO, A. *Guardar*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- DEMU. *Relatório do 2º Fórum Nacional de Museus: o futuro se constrói hoje*. Brasília: MinC/IPHAN/DEMU, 2008.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia nacional de educação patrimonial*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico, Museu Imperial, 1999.
- MACHADO, Ana Maria. *Bisa Bia, Bisa Bel*. 3. ed. São Paulo: Salamandra, 2007.

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO EM MULISH E SOURCE SERIF PRO EM DEZEMBRO DE 2022.